



Globalizações, gênero e cidadania no entorno de Jogos Vorazes: disposições culturais e políticas no Brasil e no Vietnã

*Globalizations, gender and citizenship toward The Hunger
Games: cultural and political arrangements in Brazil
and Vietnam*

**Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre^[a]
Julherme José Pires^[b]**

^[a] Doutor, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos),
e-mail: efendymaldonado@gmail.com

^[b] Mestrando, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos),
e-mail: julherme.pires@gmail.com

Resumo

Num mundo em que várias globalizações atuam ao mesmo tempo (SANTOS, 2008), as disposições culturais e identitárias se tornam mais complexas. É a partir da intersubjetividade provocada por um processo de midiaticização intenso que diferenças entre territórios distantes começam a se derreter. O objetivo deste artigo é fundamentar a problematização teórica para pensar apropriações culturais em um país latino-americano e em um do sudeste asiático, suas diferenças e semelhanças, suas conexões e suas barreiras. O estudo utiliza como pano de fundo a inscrição da série estadunidense, de filmes e livros, *Jogos Vorazes*, nos dois países. O olhar privilegiado é para a opressão e a normatividade impostas e os retratos de fuga de apropriações. Tem-se como linha marginal um estudo focado na personagem principal da série, Katniss Everdeen, e a atriz que a interpreta nos cinemas, Jennifer Lawrence. Este é o marco de uma pesquisa que busca entender como as mulheres são retratadas na mídia e como elas participam das intersubjetividades nas sociedades pesquisadas, bem como estruturar uma linha teórica problematizada para pensar a cidadania como ponto de fuga das mídias.

Palavras-chave: Globalizações. Cultura. Gênero. Cidadania. Mídia.

Abstract

*In a world where many globalizations act at the same time (SANTOS, 2008), cultural and identities arrangements become more complex. From the intersubjectivity caused by and intense mediatization process, differences between distant territories begin to melt. The purpose of this article is to base the questioning to think cultural appropriations in a Latin American country and one of Southeast Asia, their differences and similarities, their connections and their barriers. The study uses the backdrop of the inscription of the American series of movies and books *The Hunger Games* in both countries. The look is privileged to oppression and imposed normativity and appropriations leakage portraits, with the marginal line, a study focused on the main character of the series, Katniss Everdeen, and the actress who plays her in cinema, Jennifer Lawrence. This is the middle frame of a master's research that seeks to understand how women are portrayed in the media and how they participate in intersubjectivities in the researched societies as well as structuring a theoretical line problematized to think citizenship as vanishing point of the media.*

Keywords: Globalizations. Culture. Gender. Citizenship. Media.

Introdução

Dezessete mil quilômetros de distância, que passam por dois oceanos e dois continentes, separam Brasil e Vietnã. Países que têm histórias muito diferentes,

mas que, no contexto do século XXI, se aproximam e suas culturas se entrelaçam. Após tantos movimentos históricos, chegamos à era da globalização, ou melhor, Santos (2008) defende, globalizações. Trata-se de um atravessamento entre dois tipos desse fenômeno, o hegemônico e o contra-hegemônico. Pensar no contexto desses dois países é pensar na tensão entre esses dois movimentos de globalização que, em seus conflitos contínuos, produzem intersubjetividades *dominantes* e *cidadãos*.

Parto do pressuposto de que aquilo que habitualmente designamos por globalização são conjuntos de relações sociais. À medida que estes conjuntos se transformam, assim se transforma a globalização. Existem, portanto, globalizações, e deveríamos usar este termo apenas no plural. Por outro lado, as globalizações são feixes de relações sociais, estas envolvem inevitavelmente conflitos e, portanto, vencedores e vencidos (SANTOS, 2008, p. 194).

A mídia é uma das principais forças dinamizadoras das globalizações, e é a partir desse fundamento que escolhemos nosso objeto midiático de análise, a série *Jogos Vorazes*¹. Três questões principais nos levaram a escolher especificamente o Vietnã para confrontar os dados achados no Brasil. O primeiro indício é o relativo à própria autora dos livros, Suzanne Collins. Ela já explicou em diversas entrevistas² como a Guerra do Vietnã fez parte de seu imaginário desde criança, porque seu pai lutou pelos Estados Unidos, e como isso participou no momento de construção de suas obras. A segunda foi em relação à postura do governo fictício da série, que, apesar de podermos fazer relações com todos os governos do mundo, tem proximidades com o atual sistema de governo do Vietnã, de unipartidarismo e amplo controle. A terceira partiu do conhecimento de que o romance de George Orwell, *1984*, uma das referências de Collins, era proibido de circular por lá, assim como o primeiro filme da série JV foi proibido de ser exibido na cadeia comercial de cinemas.

A curiosidade está no fato de que, em um contexto como o Brasil, os jovens podem ter suas apropriações culturais de uma série como JV, e no Vietnã essas apropriações podem ser outras. Identificar particularidades e semelhanças pode

¹ A série é composta originalmente por três livros: *Jogos Vorazes* (2009), *Em Chamas* (2010) e *A Esperança* (2010), todos publicados no Brasil pela Editora Rocco; e por quatro filmes: *Jogos Vorazes* (2012), *Jogos Vorazes: Em Chamas* (2013), *Jogos Vorazes: A Esperança – Parte 1* (2014) e *Jogos Vorazes: A Esperança – O Final* (2015), todos distribuídos no Brasil pela Paris Filmes.

² Suzanne Collins on the Vietnam War Stories Behind The Hunger Games and Year of the Jungle. Youtube. **Bibliostar.TV**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6MiVBAPg6TU>>. Acesso em 07 jul. 2015.

trazer informações ricas para o campo da comunicação. O maior desafio é capturar os contextos que irão fundamentar esse estudo de uma maneira que contemple os mais diversos olhares e projete o campo de estudo adequado para capturarmos aspectos relevantes da problematização necessária. O esforço aqui é de 1) problematizar uma metodologia coerente com a análise; 2) fundamentar os aspectos centrais do campo empírico, focado no entendimento de hibridismo e a perspectiva multicultural; 3) analisar o contexto do gênero feminino no campo midiático e social; 4) e construir uma observação sobre aspectos de cidadania relacionados à presença das mulheres na mídia.

Em JV, 12 distritos vivem sob uma injusta governança que escraviza sua população, enquanto a Capital incorpora todos os recursos produzidos no país. Conhecemos esse universo através do ponto de vista de Katniss Everdeen, uma jovem que se voluntariou para participar dos “Jogos Vorazes” no lugar da irmã menor, que havia sido sorteada. Esse rito anual, criado pelo governo, faz com que dois jovens (um menino e uma menina) de cada distrito sejam jogados numa arena e lutem até sobrar apenas um vivo. Essa batalha é transmitida ao vivo pela televisão para todos os distritos e, supostamente, serve para lembrar a todos os moradores do poder e da autoridade da Capital.

A construção de um olhar metodológico cambiante

Para entendermos um contexto tão complexo, é necessário um esforço metodológico que trabalhe com variadas áreas do conhecimento. É como lembra Bonin (2014, p 43), “a recepção/produção midiática tem se afigurado como um objeto complexo, multidimensional, multicontextual e dinâmico”. A autora explica que, diante dessa complexidade, a saída tem sido assumir “fortes investimentos em trabalho de *artesanía* intelectual” (grifo da autora), um esforço desenvolvido a partir do sujeito investigador na produção de seus próprios procedimentos. “No desenho metodológico de nossas investigações, as demandas de nosso objeto têm nos levado a investir em arranjos multimetodológicos e na construção de métodos e procedimentos mestiços” (BONIN, 2014, p. 46).

A série JV pode ser pensada como um produto midiático massivo porque está entre os filmes de maior bilheteria em seus anos de lançamento, e seus livros entre os mais vendidos. Para pensar um produto midiático dessa envergadura, para Bonin (2014), é preciso considerar “suas propostas preferenciais de sentido”, “seus processos produtivos” e “suas injunções institucionais e de contexto”. Além disso, é preciso olhar para o produto como pertencente a um local, um momento histórico, que têm papéis configuradores em sua produção e direcionamentos. É o

que o torna um produto situado, parte de uma cultura, com seus próprios interesses sociais, políticos e econômicos.

Desde que existe a realidade midiática por meio da tecnologia, os produtos massivos estiveram ali. Começou com a Bíblia e segue nas mais variadas plataformas de mídia já formuladas e distribuídas. Esse aspecto das sociedades humanas criou o que Bourdieu (1983) chama de *habitus*³, o que poderia ser compreendido como a fonte da globalização hegemônica, que tem servido de combustível para o sistema econômico predominante: o capitalismo. Contudo, as Ciências da Comunicação já avançaram muito desde então. Já não se entende mais como um produto midiático que é capaz de *massificar* ou *alienar* as pessoas de forma tão determinista. Certeau (1994) convida a pensar nessa *estratégia* hegemônica sendo abalada pela *tática*, como prática social de resistência.

A reprodução em si, a dos filmes e livros, perpassa cenários e épocas, que também precisam ser contextualizados. Ou seja, “a inter-relação entre as *práticas sociais midiáticas* [...] e as *estruturas das formações sociais* nas quais esses processos comunicativos acontecem” (MALDONADO, 2014, p. 17) formam a ambiência necessária para entender um fenômeno de receptividade. O filme *Jogos Vorazes* estreia no Brasil em que condições? O filme *Jogos Vorazes* não estreia no Vietnã em que condições? Para responder a essas perguntas, é preciso a construção de um método para o projeto concreto capaz de situar o pesquisador no campo. Ou, melhor, nos campos.

Como estamos problematizando uma pesquisa que se dará em médio prazo na recepção, um dos vetores mais importantes é o sujeito, que vamos chamar aqui de *sujeito comunicante*⁴. Para Maldonado (2014, p. 21), é preciso levar em conta pelo menos oito dimensões de mediação⁵: “histórica; cultural; social; ética; política; tecnológica; psicológica e semiótica”. Não podemos esquecer-nos de “sua vinculação com âmbitos relevantes dos contextos socioculturais em que vivem, com suas culturas, identidades e competências diversas, incluindo as comunicativas e midiáticas” (BONIN, 2014, p. 42). Assim poderemos observar os movimentos normativos e de fuga que constituem as práticas comunicantes dos sujeitos antes e durante o contato com JV e Katniss Everdeen.

³ “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas” (BOURDIEU, 1983, p. 65).

⁴ Na perspectiva de Maldonado (2014, p. 26), sujeitos não são passivos, são “*sujeitos comunicantes*, cidadãos que têm questões importantes para falar, ensinar, aprender, questionar e produzir”.

⁵ No texto, Maldonado problematiza sobre pesquisa de *receptividade televisiva*, mas acreditamos que a colocação também cabe ao nosso objeto atual.

Globalizações e a questão multicultural nos dois países

Ambos, Brasil e Vietnã, são compostos por diferentes grupos étnicos de origens distintas. Ao longo de suas histórias, vários fluxos migratórios transformaram suas paisagens sociais, configurando uma miscigenação populacional. No Vietnã, dentre a população de 90,73 milhões de habitantes⁶, existem 54 grupos étnicos reconhecidos⁷ e uma população fora do país que supera o número de 3,2 milhões. Uma diáspora parcial que começou com o estopim da Guerra do Vietnã (SONGKHRAMWONGSAKUL, 2009), sendo que muitas pessoas voltaram ao país desde o final da década de 1980. Assim como o Brasil, tem economia de mercado e está aberta para receber estrangeiros, porém uma diferença é notada: o governo do Vietnã não demonstra muito interesse no desenvolvimento intercultural de seus habitantes.

Um exemplo empírico é o não credenciamento oficial da maior organização de estudantes do mundo, a *Aiesec*⁸. Com o propósito de realizar intercâmbios sociais e profissionais, a ONG, que está presente em mais de 120 países ou territórios, não tem autorização plena para rodar seus projetos no Vietnã. Em fevereiro de 2015, o governo impediu o prosseguimento de uma conferência internacional de membros da *Aiesec* que acontecia em Ho Chi Minh City. O evento foi mudado para o vizinho Camboja às pressas, e a *Aiesec no Vietnã* sofre ameaças de ser fechada constantemente. Mesmo com todas as dificuldades de legitimação governamental, um dos escritórios que funciona em Ho Chi Minh City, ligado à *Foreign Trade University*, realizou 168 intercâmbios sociais (de recebimento e de envio de intercambistas) só em 2014. A *Aiesec no Brasil*, atualmente, é o comitê que mais realiza intercâmbios no mundo, em 2014 foram 2008.

Uma pesquisa da *Transparency International*⁹ revelou que meios de comunicação como rádio e TV são, para os jovens vietnamitas, os maiores influenciadores em suas visões sobre ética. Para os respondentes, a mídia oferece “mensagens e integridade” (86%) e “bons exemplos” (81%). Foi por intermédio da *Aiesec* que estivemos no Vietnã, entre os meses de dezembro do ano passado e janeiro deste ano. Nesse período, enxergamos rastros sobre a influência cultural dos jovens, da cidade ao interior. Lá descobrimos que JV é um produto midiático comum e pode ser facilmente encontrado nas prateleiras dos quartos de muitos jovens. A *Aiesec*

⁶ Dados de 2014. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>>. Acesso em 29 out. 2015.

⁷ Disponível em: <<http://cema.gov.vn/wps/portal/cema/ethnic/>>. Acesso em 08 jul. 2015.

⁸ Disponível em: <<http://aiesec.org/>>.

⁹ *Corruption in Vietnam: What do young people think?* International Transparency. 8 ago. 2011. Disponível em: <https://www.transparency.org/news/feature/corruption_in_vietnam_what_do_young_people_think>. Acesso em: 15 ago. 2015.

no Brasil construiu, em 2015, inclusive, uma campanha de engajamento para seus voluntários sob o pretexto dos *Jogos Vorazes*. Na campanha, os escritórios da *Aiesec* espalhados pelo país eram considerados distritos, e aqueles que tivessem as melhores pontuações nas realizações de intercâmbio ganhavam de acordo com categorias preestabelecidas. O *slogan* diz “seja o Tordo¹⁰”, ou seja, “aja como Katniss, lidere e seja um exemplo para todos”.



Figura 1 – Postagem com a pontuação na página do Facebook do comitê nacional da *Aiesec no Brasil (MC Brazil)*.

Fonte: os autores

Como podemos ver por esse exemplo simples, os casos de abertura dos dois países para o mundo são diferentes, a questão multicultural é encarada de maneira diferente. No Brasil, manifestações contra haitianos mostram o preconceito e o ódio ao outro (negro, estrangeiro). No Vietnã, o estrangeiro é visto com desconfiança. No primeiro caso, já no entendimento de Hall (2009, p. 69) de que “‘raça’ é uma construção social”, JV não contribui por oferecer pessoas brancas nos papéis principais, quando deveriam ser pardos ou negros. Em outro sentido, JV contribui por oferecer “ideias de liberdade”. Mas vamos seguir no rastro multicultural. As representações e normatividades sociais nos dois países estão muito ligadas à condição do nascimento, ou seja, se você nasceu negro, você é negro; se você nasceu mulher, você é mulher. Significa que se você nasceu negro, já não terá a mesma relação de pertencimento que uma pessoa branca; se nasceu mulher, o modelo patriarcal e machista dirá que você terá que casar-se com um homem e consentir com as opções diante disso.

¹⁰ Animal ficcional que, na série, é associado a Katniss, tornando-se símbolo da revolução dos distritos contra a Capital.

Para Hall (2009, p. 71), essas e outras *atitudes sociais e culturais* são em si racismo e na “maioria das vezes, os discursos da diferença biológica e cultural estão em jogo simultaneamente”, o que gera a exclusão, a segregação de grupos por categorias cumulativas. Como exemplo, a mulher negra homossexual, muito distante do homem branco heterossexual – partindo de uma *ideia universal*. A relação de JV neste caso é mais complexa do que aparenta. Na primeira fase de nossa pesquisa exploratória, por exemplo, observamos que Jennifer Lawrence, a atriz que interpreta Katniss no cinema, produz sentido ao relacionar-se intimamente com a personagem. Se levarmos isso em consideração, teremos uma diferença idealizada ainda maior, porque Katniss no início da história é pobre, enquanto Jennifer é uma celebridade.

JV em si e em contato com os países onde é distribuído, dentro do contexto de globalização e midiaticização, inscreve-se na atmosfera do hibridismo. Para Hall (2009, p. 75), o hibridismo é “um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou ‘inerentes’ de transformação”. Um aspecto que se apresenta no processo de construção de complexidades da produção de sentido no século XXI.

García Canclini (1998) defende que num ambiente cultural híbrido, como é o caso de Brasil e Vietnã, a tendência é que JV não tenha um efeito de dominância. “O que sabemos hoje sobre as operações interculturais dos meios massivos e as novas tecnologias, sobre a reapropriação que diversos receptores fazem deles, afasta-nos das teses sobre a manipulação onipotente dos grandes conglomerados metropolitanos” (p. 346). Isso, segundo o autor, acontece porque as referências usadas pelos artistas nos momentos de criação das obras são das mais variadas naturezas, “tomadas de diversos territórios”. Em JV, a trama pode ter como lugar de partida para as análises o ponto de vista de sua autora original, Suzanne Collins.

A autora da série literária de JV, e também uma das roteiristas dos filmes, nasceu em 1962, nos Estados Unidos. Filha de um oficial da Força Aérea Estadunidense, ela cresceu com o temor da guerra enquanto o pai estava no Vietnã. Adulta, concluiu mestrado em Escrita Dramática pela Universidade de Nova Iorque, trabalhou em diversas outras obras literárias infanto-juvenis e foi roteirista de diversos programas de desenho animado no canal de TV *Nickelodeon*. A inspiração de Collins para JV veio enquanto ela zapeava canais de TV. Em um deles, viu um *reality show*, e em outro, cenas da Guerra do Iraque. Na cabeça, ela começou a juntar as duas coisas. Logo, trata-se de uma escritora (de literatura e TV) profissional estadunidense que cresceu num país que se mantém em guerra ininterruptamente¹¹, ao qual ela sempre esteve conectada diretamente a partir da experiência do pai.

¹¹ Uma relação possível com o país descrito por George Orwell, em 1984.

Cercamos o objeto com a globalização não hegemônica. Santos (2008) explica que esse tipo de globalização foge da natureza da economia de mercado e liga-se às *Redes de Indignação e Esperança* (CASTELLS, 2013). Trata-se de uma luta “para a participação democrática, para a construção da comunidade, para alternativas a formas dominantes de desenvolvimento e conhecimento, em suma, para novas formas de inclusão social” (SANTOS, 2008, p. 196). Ainda, para o autor, “a globalização contra-hegemônica está tão envolvida numa política da igualdade (redistribuição) como uma política da diferença (reconhecimento)”. (SANTOS, 2008, p. 196). Nosso olhar está neste último.

Inscrições de gênero e feminilidade

Katniss Everdeen é uma personagem feminina num universo midiático masculino. Como o estudo de Lauzen (2015) mostra, “protagonistas mulheres figuram em 12% entre os 100 filmes de maior bilheteria em 2014” (tradução nossa) – apenas filmes dos Estados Unidos. Esse dado representa uma queda de 3% em relação ao ano anterior e 4% quando comparado com 2002. Ou seja, 12 anos se passaram e a representação das mulheres como a personagem principal não tem ganhado público. A série *JV* trouxe essa discussão de gênero por inúmeras manifestações, especialmente na internet, que reconheceram Katniss não apenas como uma protagonista mulher, mas como uma construção de personagem acertada, uma mulher sem os estereótipos comuns do gênero.

A personagem de 16 anos não só é responsável pela sua própria vida, mas também toma as rédeas da manutenção familiar quando o pai morre. A jovem é conclamada a cuidar da mãe, que sofre com depressão, e da irmã mais nova. Katniss quebra leis e caça sua própria alimentação, bem como troca animais por outras mercadorias, já que o governo do país onde mora, Panem¹², não cuida das condições das famílias dos distritos, ao passo que concede largos privilégios aos moradores da Capital. Na discussão de gênero aliada à política, o contexto de *JV* torna-se propício para pensar as mulheres nas mídias.

No mundo, é um momento de ampla discussão de gênero, desde a onda de legalização do casamento entre homossexuais, passando por um processo de libertação das mulheres islâmicas, até as campanhas e posturas feministas de celebridades. Aqui elencamos dois exemplos desse último caso porque se aplicam pela proximidade com *JV* e pela natureza dos sujeitos envolvidos.

¹² O nome deriva do Latim *panem et circenses*, o que se traduz literalmente como “pão e circo”.

O primeiro é o discurso¹³ da atriz Emma Watson – famosa por interpretar Hermione Granger na série *Harry Potter* –, que é Embaixadora de Boa Vontade da ONU Mulheres, na sede da ONU em Nova Iorque, que inaugurou a campanha “*He For She*” (Ele por ela), no ano passado. Seu discurso procurou convocar homens a lutarem pelo fim do sexismo, num esforço inclusive para que a causa feminina seja mais bem compreendida. O segundo caso é a participação da atriz Maisie Williams em uma campanha de propaganda da marca *Always*. A atriz, que interpreta Arya Stark na série *Game Of Thrones*, afirma que “é hora de a sociedade parar de dizer o que as garotas devem ou não fazer”. O discurso dela¹⁴, também localizado em Nova Iorque, neste ano, durante a *#Like A Girl Confidence Summit*, se espalhou pela internet, inclusive incorporado pelo engajamento pessoal da atriz por meio de seus perfis nas redes sociais, tais como no *Twitter* e no *Instagram*. Ela entende que as mulheres podem ser o que quiserem, e explica que essa característica de liberdade é própria da personagem que ela interpreta na série¹⁵.

Jennifer não fez nenhum discurso em especial sobre a causa de igualdade de gêneros, mas inúmeras de suas atitudes se somaram ao corpo de celebridades atuantes, especialmente quando ela precisou falar sobre suas fotos nuas que vazaram na Internet. Ela contou a *Vanity Fair*¹⁶ que começou a escrever uma desculpa, mas que se deu conta de que não havia nada pelo que se desculpar. “É o meu corpo, e deveria ser minha escolha, e o fato de que não foi é absolutamente repugnante. Eu não posso acreditar que nós ainda vivemos num mundo desse tipo”, disse à revista. Recentemente, ela denunciou o machismo em Hollywood através do pagamento dos atores¹⁷.

JV e todo esse contexto chega ao circuito brasileiro em uma época instável. No mesmo momento em que temos uma Presidenta da República, há diante dela inúmeras injúrias misóginas. No mesmo momento em que a *Parada Gay* em São Paulo acontece em uma de suas maiores edições, uma transexual é agredida por

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gkjW9PZBRfk>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

¹⁴ SILVER, Laura. Maisie Williams Tells Girls They're “Unstoppable” In A Powerful Feminist Speech. *Buzz Feed*. 18 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.buzzfeed.com/laurasilver/smashing-the-patriarchy-like-a-girl#.esNEN35mm>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

¹⁵ Game of Thrones star Maisie Williams on why she's backing the #LIKEAGIRL campaign. *ODE*. Youtube. 9 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U2N9qZWyzP4>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

¹⁶ Cover exclusive: Jennifer Lawrence Calls Photo Hacking a “Sex Crime”. *Vanity Fair*, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.vanityfair.com/hollywood/2014/10/jennifer-lawrence-cover>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

¹⁷ Emma Watson apoia críticas de Jennifer Lawrence ao machismo em Hollywood. F5. *Folha de S. Paulo*. 14 out. 2015. Disponível em <<http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2015/10/1693812-emma-watson-apoia-criticas-de-jennifer-lawrence-ao-machismo-em-hollywood.shtml>>. Acesso em 26 out. 2015.

uma performance teatral utilizando uma cruz. No mesmo momento em que feminicídio vira crime perante o código penal, a relatora da lei, deputada federal do Rio Grande do Sul, é ameaçada de morte em um *shopping center* na capital do Estado e agredida mais de uma vez no próprio congresso por um colega deputado. Diante de um cenário político complicado, as questões de gênero encontram-se em turbulência no Brasil.

Enquanto isso, o cenário para as mulheres brasileiras é desolador. Entre 2001 e 2011, aconteceram mais de 50 mil feminicídios no Brasil, uma média de cinco mil assassinatos por ano. Esses crimes contam apenas “as mortes de mulheres decorrentes de conflitos de gênero, ou seja, pelo fato de serem mulheres”¹⁸. A violência é o principal problema, que se alastra em todos os ambientes de vivência das mulheres, do trabalho ao ensino, da rua ao íntimo.

As mulheres vietnamitas também têm um histórico de violência muito grande. O estupro foi uma das armas mais usadas na Guerra do Vietnã. Por 20 anos (1955-1975), as mulheres, principalmente do interior do país, viveram reféns da violência dos invasores franceses, japoneses e estadunidenses, enquanto “o estupro de vietnamitas era ‘procedimento operacional padrão’”¹⁹. Além disso, as mulheres não foram poupadas de outros tipos de violência, bem como da exposição ao Agente Laranja nos bombardeios estadunidenses, uma toxina que matou cerca de três milhões de pessoas e deixou um rastro de doenças e malformações por várias gerações, presente até hoje.

No entanto, as condições de vida das mulheres vietnamitas são melhores atualmente. A abertura da economia do país para o mercado internacional levou as mulheres à educação, sendo maioria no nível superior, e ao trabalho, no qual não encontram muitas diferenças salariais para com os homens. Essas diferenças são acentuadas no campo (32%), mas, em alguns setores na cidade, as mulheres chegam a ganhar “um pouco a mais” (LE, 2015). Mas fora dessas condições de vida profissionais, as mulheres ainda sofrem dos mesmos problemas que as brasileiras, mas, no geral, com menos conscientização. Não há frentes feministas permanentes e, como aponta a socióloga Nguyen Bao Thanh Nghi, “poucas pessoas se intitulam ‘feministas’” (LE, 2015) (Tradução nossa).

Katniss Everdeen, como vimos, chega num momento histórico diverso, dependendo do território, e caminha num tempo de rápidas transformações sociais, caso do Brasil, e numa acomodação política, caso do Vietnã. Em si, a personagem da série apresenta-se como uma mulher não usual na mídia comercial, “o exemplo

¹⁸ Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil. IPEAL. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_l_eilagarcia.pdf>. Acesso em: 13 de ago. 2015.

¹⁹ RIAL, Carmen. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(1): 280, janeiro-abril/2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a09v15n1.pdf>>. Acesso em 13 ago. 2015.

que as garotas deveriam seguir”²⁰, de uma série que se apresenta para enriquecer os dados de mulheres protagonistas no cinema. Por outro lado, dados daquela mesma pesquisa, de Lauzen (2015), mostram que, dentro daquelas estatísticas desoladoras de mulheres como protagonistas no cinema, apenas uma mulher aparece com frequência: a branca (74%). As outras ocorrências se dão com: Negra (11%), Latina (4%), Asiática (4%), de outras nacionalidades (3%) e outros (4%).

Nos livros, Suzanne Collins descreve Katniss como tendo a pele “cor de oliva”, cabelo “liso escuro” e “olhos cinzentos”. Porém, no momento de escolha do elenco, os produtores da *Lionsgate* exigiram uma atriz branca, “naturalmente bonita, sob um aspecto atlético masculino”²¹. A escolha, aparentemente, se deu dentro desse “formato”, sendo Jennifer Lawrence – que tem pele, cabelo e olhos naturalmente claros – a escolhida. Trata-se apenas da manutenção de um fenótipo modelo no cinema americano, que já vinha sendo construído. Ao mesmo tempo, o padrão atlético masculino (do inglês *tomboyishness*) é problema de gênero a ser pensado. Só porque Katniss é uma personagem forte e com “habilidades de batalha”, ela precisa ser construída com traços masculinos na tela?

Para Santos (2008, p. 194), “o potencial emancipatório das lutas baseia-se na ideia de que uma política de igualdade centrada na redistribuição social da riqueza não pode ser conduzida com sucesso sem uma política de reconhecimento da diferença racial, étnica, cultural ou sexual, e vice-versa”. Portanto, uma afirmação de entendimento cultural de gênero é um dos territórios para que uma globalização não hegemônica seja alcançada.

Cidadania comunicativa

Desde o início desta década, a liberdade de comunicação e informação pela internet no Vietnã está sendo controlada. Há relatos de prisões de blogueiros e pessoas que expressam seus pontos de vista políticos em mídias sociais. Em 2004, foi baixado um decreto que proíbe a manifestação política nesses espaços. Mas, como está no DNA da internet, ela tem sido um espaço de resistência. Assim como os jovens conseguiram acessos ao filme *Jogos Vorazes*, e as pessoas estão usando “cada vez mais a *web* e as mídias sociais para participar no debate político, muitas

²⁰ Disponível em: <<http://maismagenta.com.br/2013/11/21/porque-katniss-e-o-exemplo-que-as-garotas-deveriam-seguir/>>.

²¹ JURGENSEN, J. The Newcomers. *The Wall Street Journal*; 25 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.wsj.com/articles/SB10001424052748703529004576160782323146532>>. Acesso em 09 ago. 2015.

vezes usando servidores remotos na internet e outros métodos para evitar a detecção e censura”²².

Desta forma, Brasil e Vietnã têm representações de cidadania muito diferentes. Para Cortina (2005), a cidadania aparece nas esferas políticas e jurídicas em sua origem, mas, conforme o tempo, avançou para uma complexidade teórica, muito em direção do que aconteceu com as próprias sociedades. Enquanto no Brasil a política encontra-se no campo da democracia, os vietnamitas estão restritos a um regime de partido único, que limita a cidadania na política, na justiça e na economia.

Quando o assunto é mídia, trata-se de uma reunião de representações e produções de sentido que geram atmosferas intersubjetivas. Nesse sentido, atentamos para o que Cortina (2005) chama de “cidadania intercultural”, própria das identidades culturais, relações de pertencimento e de direitos das mais diversas alteridades. A autora defende que a manutenção da diversidade cultural não precisar existir para manter uma “biodiversidade”, e sim porque “nenhuma cultura tem soluções para todos os problemas vitais e que pode aprender com outras, tanto soluções das quais carece como a se compreender a si mesma” (2005, p. 143).

Inúmeros exemplos atravessam a história mostrando como soluções etnocêntricas só trouxeram prejuízos à humanidade. Ideias que no cerne segregavam e assassinavam. A cidadania intercultural vem justamente “construída a partir de um autêntico diálogo” (CORTINA, 2005, p. 146). Portanto, sociedades e culturas que não respeitam um diálogo e uma convivência autêntica não praticam a cidadania, praticam o autoritarismo.

No Brasil, os problemas de cidadania giram em torno, principalmente, de direitos, acesso, privilégios econômicos e discriminação; no Vietnã, liberdade política, liberdade de expressão, trocas culturais e engajamento social; em Panem (país fictício de JV), há problemas gravíssimos ligados a todos os níveis de direitos, privilégios econômicos, discriminação, liberdade política, liberdade de expressão, trocas culturais e engajamento social. Panem reúne problemas que estão nos dois países e ainda se entrelaçam com subjetividades opressoras. Neste caso, podemos fazer uma análise direta da interferência dos Estados Unidos no Brasil e no Vietnã, historicamente, e que está presente em sua amostra mais moderna em JV, enquanto produto cultural massivo importado.

A resistência, no entanto, é construída em todos esses territórios. No Brasil, com maior força por sua legitimidade; no Vietnã sob o risco de punição; e, no caso de JV, por seu conteúdo. O documentarista Michael Moore afirma²³, no documentário *A Corporação* (2013), de Mark Achbar e Jennifer Abbott, que seus filmes só

²² Vietnam. **Freedom House**. 2015. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2015/vietnam#.Vc9KS7JVhBc>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

²³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b5a10xRXj-k>>.

são possíveis por uma falha do próprio capitalismo, porque estúdios, no final das contas, ganham dinheiro com seus filmes. O conteúdo subversivo de JV pode ser visto desta maneira. É possível que os reflexos, as representações, deixem uma cauda de resultados muito maiores do que a lucratividade das editoras e estúdios. É possível que, por concordar conosco, neste momento, o governo vietnamita tenha banido o primeiro filme dos cinemas.

É em uma etapa seguinte ao contato inicial com os produtos culturais e midiáticos que a cidadania acontece. Um fenômeno atual que Castells (2013, p. 94) nomeia como “pós-mídia, porque há uma reapropriação tecnopolítica de ferramentas, tecnologias e veículos de participação hoje existentes. É onde as pessoas hoje estão”. Mais do que isso, no Brasil e no Vietnã, espaços digitais têm sido primordiais na construção de um novo pensamento cidadão e político. Como Castells (2013, p. 95), referindo-se aos movimentos espanhóis, ressalta dizendo que “tornamo-nos um coletivo com a capacidade de falar cada um por si, sem os filtros da mídia”.

A mídia corporativa é predominante no Brasil e a censura é econômica, portanto, ideologias predominantes estão ligadas à própria ideologia de mercado. Com mais investimentos, elas chamam mais atenção em meio à “sociedade do espetáculo”²⁴. No Vietnã, a mídia é completamente controlada pelo Partido Comunista do Vietnã. Os noticiários e demais programas são recheados de informações positivas e a política é um assunto desaconselhado sem passar pelo filtro. Numa ideia vinda da outra ponta de McLuhan, Castells reformula e afirma que “a mensagem constrói o meio”, e as novas mídias têm virado o espaço de resistência e cidadania. Portanto, muito da cidadania e da resistência acontece via espaços não hegemônicos. Enquanto no Brasil foi aprovado o *Marco Civil da Internet*, que assegura liberdade de expressão, privacidade e autonomia para os usuários, numa proposta de “neutralidade da rede”, no Vietnã, como vimos, o cerco aumentou.

Castells (2013, p. 116) é enfático ao informar que “há núcleos de redes da internet, em âmbito local e global, e há redes pessoais, vibrando ao ritmo de um novo tipo de revolução cujo ato mais revolucionário é sua própria invenção”. Peruzzo (2010, p. 91) traz uma contraperspectiva ao afirmar que a ferramenta em si não garante a cidadania “porque as soluções sempre serão insuficientes se não forem resolvidos os problemas das contradições econômicas, políticas e culturais providas das relações desiguais inerentes ao modo de produção capitalista”. Sua ideia de *cibercultur@* (com arroba) é “direcionada a entender os processos de construção do conhecimento e de transformação social”.

²⁴ Conceito central dos estudos de Guy Debord.

Portanto, *cibercultur@* não significa uma habilidade para operar destramente máquinas e programas, se não precisamente para o cultivo e a geração de três tipos de saber fazer que conduzem para: a) a forma em que aprendemos a perguntar sobre o mundo, a converter problemas práticos em problemas de conhecimento; b) as habilidades e destrezas para criar, administrar e utilizar configurações de observáveis e dados de nosso entorno; c) a capacidade de coordenar ações com outros dentro de estruturas de organização horizontais nas quais se possa distribuir a inteligência (PERUZZO, 2010, p. 94).

A cidadania é um denominador comum de sujeitos comunicantes conectados a JV porque já têm acesso a obras culturais e, em níveis mais profundos, já têm conhecimento técnico e cultural para se posicionar diante da obra. De um nível ou de outro, o engajamento de pessoas sob a referência da série pode ser um sinal de transformação dos modos de “consumir” o que é produzido apenas para “consumo”, mas que pode ser, assim como é possível ver nos mais variados movimentos políticos mundo afora, apropriada como conhecimento comum, intersubjetividade e imaginário, que fortaleça essa cidadania rumo a uma inclusão social, destruidora de regimes como o de Panem.

Considerações finais

Vimos que os contextos que atravessam as recepções de JV, tanto no Brasil quanto no Vietnã, participam de uma ambiência político-midiática extremamente complexa. Pelo lado vietnamita, censura, controle e vigilância. Pelo lado brasileiro, instabilidade institucional e violências. A série tende, portanto, a ofertar sentidos que abalam essas realidades, trazendo as duas globalizações à tona. A contra-hegemônica por trazer uma mulher como protagonista, enfrentando um poder político ditatorial e genocida, e a hegemônica por carregar sentidos dominantes do modelo de cinema comercial estadunidense, vender um modelo universal racial, quando poderia fazer diferente.

Katniss Everdeen é uma personagem singular que se inscreve num momento em que o cinema dá pouco espaço para a alteridade não masculina. As produções de sentidos têm sido relacionadas à “mulher forte”, “heroína” e até associando suas características a certos tipos de feminismo. Mas ainda faz parte de uma mídia hegemônica, que não considerou em levar para frente o projeto de personagem negra ou parda, por exemplo. Enquanto algumas sociedades já discutem um feminismo de terceira onda, em que outras variáveis sociais são consideradas,

como o conceito de *interseccionalidade*²⁵, o cinema ainda está emulando um feminismo de mulher branca, de classe média/alta. Os sujeitos comunicantes brasileiros e vietnamitas, como notamos, têm vivências de gênero que por vezes são semelhantes (histórico de machismo e violência contra as mulheres), por vezes diferentes (lutas feministas e conflitos políticos no Brasil e naturalização do *status quo* no Vietnã), o que torna um campo interessante para o estudo das apropriações, na fase seguinte.

A metodologia empregada para este texto, bem como no restante da pesquisa, portanto, se apresenta para uma missão árdua de adequação com esse objeto. Por isso, a articulação contínua e rizomática foi necessária para ligarmos aspectos da realidade social, eventos atuais com as ofertas narrativas de JV. Isso representa uma primeira abordagem metodológica, um movimento de contato com o empírico para a construção do campo, para, no final, chegarmos à personalização das experiências dos sujeitos comunicantes. As dimensões descritas no primeiro capítulo, articuladas no decorrer deste texto, já nos dão pistas sobre as especificações que se conectam à problemática das mulheres nas mídias nos dois países.

Estudar gênero e cultura, sujeitos e recepções, globalizações e hibridismo só faz sentido em sua composição por participar de um movimento para a transformação social. Recorremos à máxima de Santos (2008, p. 199) sobre uma “noção de um meta-direito fundamental: o direito de ter direitos. Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”. Ao estudar e trazer resultados neste campo, de maneira ética e comprometida com a ciência, pretendemos contribuir para esta noção. A cidadania como prática midiática e dos sujeitos comunicantes, associada não apenas ao consumo unilateral, contém em si a semente da transformação social, proposta do movimento contra a Capital de JV.

O próximo passo desta pesquisa é aprofundar a análise teórica, aumentar os subsídios metodológicos e iniciar a prospecção de dados. A partir de entrevistas aprofundadas, pretende-se construir uma ampla cartografia de sentidos baseados na expectativa e no relacionamento com JV por sujeitos comunicantes brasileiros e vietnamitas, levando em considerando as dimensões que já mencionamos, dentro de um espectro histórico e político dessas sociedades.

²⁵ “Conceito cunhado e difundido por feministas negras nos anos 1980, constitui-se em ferramenta teórico-metodológica fundamental para ativistas e teóricas feministas comprometidas com análises que desvelem os processos de interação entre relações de poder e categorias como classe, gênero e raça em contextos individuais, práticas coletivas e arranjos culturais/institucionais” (RODRIGUES, 2013, p. 1).

Referências

- BONIN, J. A. Problemáticas metodológicas relativas à pesquisa de recepção/produção midiática. In: DE LA TORRE A. E. M. G. (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014.
- BOURDIEU, P; ORTIZ, R. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORTINA, A. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.
- HALL, S; SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/ Unesco, 2003.
- LAUZEN, M. M. It's a man's (celluloid) world: **On-Screen Representations of Female Characters in the Top 100 Films of 2014**. San Diego: Center for the Study of Women in Television and Film, San Diego State University, 2015.
- LE, Minh. Emma Watson, Cinderella and the future of feminism in Vietnam. **Thanh Nien News**, Ho Chi Minh City, 29 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.thanhniennews.com/education-youth/emma-watson-cinderella-and-the-future-of-feminism-in-vietnam-40460.html>>. Acesso em 13 ago. 2015.
- MALDONADO, A. E. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: DE LA TORRE, A. E. M. G. (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014.
- PERUZZO, C. M. K. Desafios da Comunicação Popular e Comunitária na Cibercultur@: aproximação à proposta de comunidade emergente de conhecimento local. Versão revista e ampliada do trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Comunicación Popular, Comunitaria y Ciudadania”. In: X Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. **Anais Eletrônicos...** Bogotá: Universidade Javeriana, 2010.

RODRIGUES, C. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. In: X Seminário Internacional Fazendo Gênero. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis, 2013. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384446117_ARQUIVO_CristianoRodrigues.pdf>. Acesso em 29 ago. 2015.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SONGKHRAMWONGSAKUL, R. The end of exile: Place reconstruction of returned overseas Vietnamese. **RCS Academic Seminar**. Nationalities Research Institute, Yunnan University. Kunming, 2009.

Recebido: 30/10/15

Received: 30/10/15

Aprovado: 20/11/15

Approved: 20/11/15